



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA À DISTÂNCIA

LEIDIANE FERNANDA BARBOSA DE SANTANA

**GÊNERO E SEXUALIDADE NA ESCOLA: REFLEXÕES DE UMA
PEDAGOGA EM FORMAÇÃO**

JOÃO PESSOA - PB

2019

LEIDIANE FERNANDA BARBOSA DE SANTANA

**GÊNERO E SEXUALIDADE NA ESCOLA; REFLEXÕES DE UMA
PEDAGOGA EM FORMAÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como
requisito parcial de conclusão do curso de
Pedagogia, modalidade à distância, do Centro de
Educação da Universidade Federal da Paraíba.

Orientadora: Profa. Dra. Jeane Félix da Silva

JOÃO PESSOA – PB

2019

S232g Santana, Leidiane Fernanda Barbosa.

Gênero e sexualidade na escola: reflexões de uma pedagoga em formação / Leidiane Fernanda Barbosa Santana. - João Pessoa: UFPB, 2019.

37f.

Orientadora: Jeane Félix da Silva.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação em Pedagogia - modalidade à distância) – UFPB/CE

1. Sexualidade - sala de aula. 2. Gênero. 3. Formação docente. I. Silva, Jeane Félix. II. Título.

UFPB/CE/BS

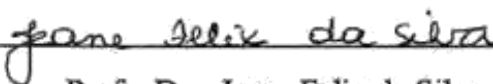
CDU: 612.6.057(043.2)

LEIDIANE FERNANDA BARBOSA

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao Curso de Pedagogia, modalidade à distância,
como parte dos requisitos necessários para obtenção do grau de LICENCIADA EM
PEDAGOGIA.

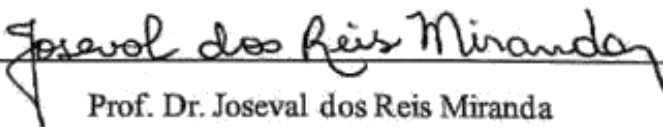
Aprovado em: 06 / 12 / 2019

Banca examinadora:



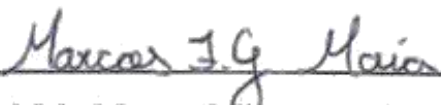
Profª. Dra. Jeane Felix da Silva

UFPB – Orientadora



Prof. Dr. Joseval dos Reis Miranda

UFPB - Examinador



Prof. Ms. Marcos Felipe Gonçalves Maia

UFPB - Examinador

Dedico este trabalho à minha esposa Alecsandra, minhas filhas e a toda minha família que, com muito carinho e apoio, não mediram esforços para que eu chegasse até esta etapa de minha vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, pois sem ele eu não teria forças para essa longa jornada. À minha esposa Alecsandra, pessoa com quem amo partilhar a vida, obrigado pelo carinho, a paciência e por sua capacidade de me trazer paz na correria de cada semestre e por não me deixar desistir. Às minhas filhas Lays e Layssa por inúmeras vezes compreenderem minha ausência em suas vidas.

Quero agradecer aos meus professores e professoras, às minhas colegas que me ajudaram até aqui, e em especial, à minha orientadora professora Jeane, que teve paciência e me ajudou a concluir este trabalho. Agradeço aos professores Joseval Miranda e Marcos Maia por aceitarem o convite para participar de minha banca de apresentação deste trabalho de conclusão de curso.

Por fim, agradeço ao curso de Pedagogia da UFPB por me permitir uma experiência de uma vida acadêmica.

“O sonho da igualdade só cresce no terreno de respeito pelas diferenças.”

Augusto Cury

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), intitulado Gênero e Sexualidade na Escola: Reflexões de uma Pedagoga em Formação tem como objetivo refletir, a partir de experiências de estágio supervisionado do curso de Pedagogia, modalidade a distância, como que as questões de gênero e sexualidade têm sido abordadas nas escolas. Para isso, utiliza-se como estratégia metodológica as narrativas (auto)biográficas, por meio da descrição e da análise de cenas vivenciadas nos estágios obrigatórios do curso. As reflexões trazidas pela análise das cenas apontam que, apesar dos(as) professores(as) afirmarem não ter preconceitos e não fazerem diferenciação entre meninos e meninas, eles(as) reforçam estereótipos de gênero, destacando que meninos e meninas devem se comportar de acordo com seu sexo, apontando uma contradição na forma as questões de gênero e sexualidade são compreendidas e abordadas por esses(as) profissionais. Diante disso, as considerações finais apontam que é fundamental que questões de gênero e sexualidade sejam tratadas de modo educativo nas escolas e que, para isso, elas devem ser abordadas e incluídas nos currículos de formação docente, na perspectiva de construir uma sociedade igualitária, na qual o respeito à diversidade seja valorizado.

Palavras-chave: Gênero; Sexualidade; Estágio Supervisionado; Formação Docente.

ABSTRACT

This Course Conclusion Paper (TCC), entitled Gender and Sexuality at School: Reflections of a Pedagogue in Training aims to reflect, from the experiences of supervised internship in the Pedagogy course, distance mode, as that gender issues and sexuality have been addressed in schools. For this, the (auto) biographical narratives are used as a methodological strategy, through the description and analysis of scenes experienced in the mandatory stages of the course. The reflections brought by the analysis of the scenes show that, although the teachers affirm that they have no prejudices and do not differentiate between boys and girls, they reinforce gender stereotypes, highlighting that boys and girls must behave in a different way. according to their sex, pointing out a contradiction in the way gender and sexuality issues are understood and addressed by these professionals. In view of this, the final considerations point out that it is essential that gender and sexuality issues are dealt with in an educational way in schools and that, for this, they must be addressed and included in teacher education curricula, with a view to building an egalitarian society, in respect for diversity is valued.

Key words: Gender; Sexuality; Supervised internship; Teacher Education

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC - Base Nacional Comum Curricular

CREI – Centro de Referência em Educação Infantil

EJA - Educação de Jovens Adultos

ESGE - Estágio Supervisionado em Gestão Educacional ESMEI -

Estágio Supervisionado em Magistério da Educação Infantil ESMEF -

Estágio Supervisionado em Magistério do Ensino Fundamental LGBT -

Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais

PPP - Projeto Político Pedagógico

PSF - Programa de Saúde da Família

RCNEI - Referencial Curricular Nacional para Educação

Infantil TCC - Trabalho de Conclusão de Curso

UFPB - Universidade Federal da Paraíba

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – Apresentação do espaço físico de uma Escola Municipal no bairro do Rangel em João Pessoa – PB.

QUADRO 2 - Apresentação do espaço físico de um Centro de Referência em Educação Infantil no bairro do Rangel em João Pessoa – PB.

QUADRO 3 – Apresentação do espaço físico de uma Escola Municipal no bairro do Cristo Redentor em João Pessoa – PB.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. GÊNERO E SEXUALIDADE: UM REFERENCIAL TEÓRICO	13
3.REFLEXÕES A PARTIR DA EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO	18
3.1 A EXPERIÊNCIA DOS ESTÁGIOS SUPERVISIONADOS EM PEDAGOGIA..	19
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
REFERÊNCIAS.....	35

1. INTRODUÇÃO

Chamo-me Leidiane Fernanda Barbosa de Santana, sou do Rio de Janeiro, cheguei à João Pessoa em 2003 e tenho duas filhas. Vivo uma relação homoafetiva e, desde que me percebi nessa relação, comecei a enxergar a existência de atitudes preconceituosas em relação às vivências da sexualidade não heterossexuais. Antes de viver essa experiência, esses preconceitos, muitas vezes, me passavam despercebidos. Quando decidi cursar Pedagogia, além do desejo de realizar um sonho, via no curso uma possibilidade de contribuir para reduzir preconceitos associados à diversidade sexual. Acredito que a educação é uma possibilidade de transformar a vida das pessoas e para melhor. Infelizmente, a educação também tem sido um espaço para reprodução de preconceitos, talvez por desinformação, talvez porque não estejamos conseguindo educar as pessoas para respeitarem umas às outras, independente da forma de ser de cada um (a). Inúmeras vezes, senti preconceito em relação à minha orientação sexual se manifestando nos (as) profissionais das escolas em que fazia estágios. Um espaço que deveria ensinar sobre respeito, me ensinou que ainda temos muito a caminhar na direção de uma sociedade que respeita a diversidade sexual.

Desde que passei a assumir minha orientação homossexual, passei por diversas experiências (muitas delas, tristes e decepcionantes) com esse tema em sala de aula, nas escolas que estagiei. Nesses momentos, me deparei com situações em que queria intervir, mas pela minha condição de estagiária, não me senti preparada. Essas experiências nos estágios me motivaram a pesquisar, estudar e me aprofundar nas questões de gênero e sexualidade, por isso, resolvi que abordaria esses temas em meu trabalho de conclusão de curso (TCC). Acredito que esse é um tema que deve ser estudado e aprofundado nos cursos de formação de professores (as) pela necessidade de formarmos profissionais da educação mais acolhedores (as) e preparados para lidar com a diversidade, em todas as formas, nas salas de aula. No país que mais mata pessoas LGBT (lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais) no mundo, não podemos aceitar que as instituições educativas e os seus profissionais não estejam preparadas para abordar as questões de gênero e sexualidade.¹

¹ Segundo notícia divulgada na Rádio Senado, em 18/05/2018, “o Brasil registrou 445 casos de assassinatos de homossexuais em 2017, segundo o levantamento do Grupo Gay da Bahia. De acordo com

Reconheço que pela nossa cultura machista, abordar as relações de gênero na escola torna-se uma atividade desafiadora, principalmente na Educação Infantil e nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, quando as crianças têm o primeiro contato com a diversidade e com o meio social longe de suas famílias. Além disso, muitos professores e professoras trazem para a escola seus próprios preconceitos e as marcas de uma educação machista cheias de estereótipos de “coisas de meninos e coisas de meninas”. Não podemos reproduzir atitudes preconceituosas, especialmente com crianças. Precisamos, ao contrário, educar para a convivência com a diversidade, independente de gênero ou sexualidade, todas as pessoas devem ser tratadas com igualdade e respeito. O desafio é mudar esse pensamento retrógrado, lutando por um mundo mais justo e ensinando as crianças a entenderem e valorizarem as diferenças.

Diante disso, parto da minha experiência, em escolas públicas, como estagiária do curso de Pedagogia para refletir sobre a abordagem das questões de gênero e sexualidade nas escolas. Como esses temas vêm sendo abordados pelas professoras e professores e como esses temas se manifestam nas atitudes das crianças são algumas das questões que buscarei refletir. Desse modo, este TCC tem os seguintes objetivos:

Objetivo Geral:

- Refletir, a partir da experiência de estágio supervisionado do curso de Pedagogia, modalidade à distância, como as questões de gênero e sexualidade são abordadas nas escolas.

Objetivos específicos:

- Descrever cenas do estágio supervisionado que retratam a abordagem das questões de gênero e sexualidade em escolas públicas.
- Refletir sobre o espaço do estágio supervisionado como espaço propício para a aprendizagem das questões de gênero e sexualidade no contexto da Educação.

Para alcançar os objetivos propostos, faço uso de algumas cenas, descritas a partir de minhas experiências nos estágios supervisionados curriculares obrigatórios do curso de Pedagogia, modalidade à distância. Assim, do ponto de vista metodológico, trata-se de uma

a ONG Transgender Europe, entre 2008 e junho de 2016, 868 travestis e transexuais perderam a vida de forma violenta. O alerta para essas mortes é o tema da reportagem da Rádio Senado no Dia Internacional de Combate à LGBTFobia, celebrado em 17 de maio”. Informação disponível em: <https://www12.senado.leg.br/radio/1/noticia/brasil-e-o-pais-que-mais-mata-homossexuais-no-mundo>. Acesso em: 17-11-2019.

pesquisa qualitativa na perspectiva da pesquisa narrativa. Segundo Josso (2006, p. 27), a pesquisa narrativa é importante “porque a educação e formação são processos de transformação, múltiplos projetos habitam, tecem, dinamizam e programam os relatos das histórias de vida e também nos informam sobre os desejos de ser e de vir a ser de seus autores”. Segundo Marques e Satriano (2017, p. 372), em uma pesquisa com o uso de narrativas, “tem-se a possibilidade de (re)elaborar questões internas e fortalecer a autoria e a autonomia.

Entre as diversas possibilidades de uso das narrativas como estratégia de pesquisa utilizo, neste TCC, como já informei a descrição de cenas. Para Marques e Satriano (2017, p. 372), esse tipo de registro, “além da descrição do que foi vivenciado, tem o como foi vivenciado e a distância entre a expectativa inicial da vivência e a marca deixada”. Nesse sentido, a narração não é a descrição fiel do fato, mas como ele foi construído mentalmente pelo narrador. No narrado podemos conhecer mais acerca da subjetividade do narrador do que a “verdade” em si do narrado. Acredito, assim, que o uso das narrativas contribui para minhas próprias reflexões como pedagoga em formação, mas também contribui para o debate sobre o tema no contexto da formação de pedagogos (as). Minhas experiências, apesar de terem sido vividas por mim, certamente, são vividas também em outras escolas, por outros (as) estagiários (as).

Dito isto, este TCC está organizado em dois capítulos articulados, são eles: este primeiro, introdutório, no qual expresso as primeiras ideias sobre o tema central; o segundo, que apresenta o referencial teórico que embasa este trabalho e, na continuidade apresenta as cenas narradas a partir da vivência nos estágios e suas análises; Por fim, apresento as considerações finais, conforme descritos ao longo do texto.

2. GÊNERO E SEXUALIDADE: UM REFERENCIAL TEÓRICO

O conceito de gênero pode ser compreendido como aquilo que identifica e diferencia homens e mulheres, a partir de características masculinas e femininas. Esse conceito sugere um conjunto de questões que tem por base os significados que indicam o que é ser mulher e o que é ser homem, ou seja, é o modo como as diferenças sexuais são entendidas socialmente em um determinado tempo histórico e cultural.

Como afirma Braga (2009), o gênero vai sendo aprendido mesmo antes do nascimento, pois a partir do momento que sabemos o sexo da criança, tudo é organizado diferenciado por sexo: cor das roupinhas, do quarto, brinquedos, nomes, além de amplas expectativas sociais que são diferenciadas para meninas e meninos. Em geral, quando nos deparamos com a chegada de uma criança surge uma felicidade única e logo começamos a planejar seu futuro, se for do sexo masculino compramos várias roupas azuis, carrinhos, bolas com a finalidade de que aquela criança construa características esperadas para seu gênero como virilidade, liderança, agressividade e que tenha controle de suas emoções, já que “homem não chora”, enfim todas as características culturais masculinas. Em relação às meninas, compramos roupas cor de rosa, bonecas, utensílios domésticos, tudo muito feminino e delicado, para que a aquela criança construa as características esperadas para uma mulher, como sensibilidade e feminilidade, seja uma boa mãe e dona de casa.

Em uma sociedade machista como a nossa sempre houve distinção entre homens e mulheres, sempre esteve pré-determinado o que é para meninas e o que é para meninos e dentro dessa distinção várias normas machistas, sexistas e preconceituosas que têm como efeito a reprodução das desigualdades de gênero. De acordo com Finco (2010), desde o berço, as atitudes, as palavras, os brinquedos, os livros procuram moldar as crianças para que aceitem e assumam os rótulos que a sociedade lhes reservou. Dentro dessa lógica, podemos perceber que somos regidos por normas de gênero e de sexualidade que desconsideram e repudiam todos aqueles e aquelas que fogem do que lhes foi previamente estabelecido.

Segundo Carvalho, Junqueira e Andrade (2009, p. 18), gênero “é uma estrutura de dominação simbólica, materializada na organização social e nos corpos, resultante de um

processo de construção sociocultural com base nas diferenças sexuais percebidas”. Ou seja, são expectativas sociais diferenciadas para homens e mulheres com base no seu sexo biológico. Contudo, somos pessoas diferentes e vivemos de formas diferentes. Homens e mulheres são diferentes também entre si, ou seja, as mulheres são diferentes umas das outras, assim como os homens e, por isso, não faz sentido, um tratamento desigual baseado nos estereótipos de gênero.

Um estereótipo é, segundo Carvalho, Junqueira e Andrade (2009, p. 15), “uma representação simplificada e simplificadora, parcial, exagerada, geralmente negativa e prejudicial de um grupo, resistente à correção pela evidência empírica e pela argumentação lógica”. Assim, por meio dos estereótipos, se manifestam preconceitos contra mulheres e homens que não se encaixam nas expectativas sociais.

Por que azul é considerada cor de menino e rosa é de menina? Por que meninas devem brincar de bonecas e meninos de carrinho? A resposta a essas perguntas, muitas vezes, é dada em relação aos estereótipos de gênero, sem qualquer reflexão que problematize aquilo que tem sido considerado como natural. Lula Ramires (2008) defende que a escola deve propor as mesmas oportunidades para meninos e meninas, contribuindo com sua autonomia e com a construção de uma sociedade sem violência de gênero física e psicológica.

Em geral, com base nos estereótipos de gênero, nas escolas ocorre a separação de meninas e meninos, indicando que haveria lugares diferentes para elas e eles em razão de seu sexo, assim perpetuando o sexismo que há em nossa sociedade. De acordo com o dicionário Michaelis Online, sexismo seria o “conjunto de estereótipos quanto à aparência, atos, habilidades, emoções e papéis na sociedade, de acordo com o sexo; Preconceitos e discriminação que se baseiam no sexo”. Ou seja, um conjunto de preconceitos associados ao sexo de uma pessoa, em geral, o sexismo é usado em favor dos homens e contra as mulheres. O sexismo é prejudicial porque beneficia os homens em detrimento das mulheres e isso ocorre, tanto na vida pública quanto na vida privada. De acordo com Louro (1997, p. 64). “Temos de estar atentos(as), sobretudo, para a nossa linguagem, procurando perceber o sexismo, o racismo e o etnocentrismo que ela frequentemente carrega e institui.”

O sexismo e os estereótipos de gênero atuam juntos ditando o que homens e mulheres devem ser e fazer, como devem se comportar, inclusive com relação à sexualidade que, nesse modelo desigual, define que todas as pessoas devem ser heterossexuais o que, é

claro, não é possível. A sexualidade seria, segundo Carvalho, Junqueira e Andrade (2009, p. 41), “a manifestação de desejos e prazeres que compreendem experiências e preferências sejam físicas ou comportamentais de pessoas do mesmo sexo, do sexo oposto ou de ambos os sexos”. Não há apenas uma forma de viver a sexualidade, mas formas variadas, que não são fixas, como a heterossexualidade, a homossexualidade e a bissexualidade. Apesar de reconhecer que a sociedade mudou e que, com essas mudanças, as mulheres passaram a ter mais direitos, muitos desses direitos são constantemente desrespeitados e muitas de nós ainda continuam a exercer duplas e triplas jornadas em suas casas, a serem abusadas e violentadas de diversas formas, a ganharem menos para trabalhar em uma mesma função. As mulheres continuam sendo responsabilizadas pelos trabalhos domésticos e pelos cuidados com as crianças, o que se torna um peso enorme. Nesse sentido, a educação é indispensável para contribuir com a formação de pessoas que reconheçam que homens e mulheres devem ser tratados com igualdade e respeito e para que as mulheres possam viver como quiserem sem serem violentadas, terem mais responsabilidades e ganharem menos. Há, ainda, um longo caminho a percorrer. Nas escolas, podemos contribuir para desconstruir estereótipos de gênero e contribuir para a construção de uma sociedade mais justa.

Sabemos que a maioria dos(as) professores(as) atuantes hoje nas escolas, não tiveram em sua formação acadêmica a Sexualidade como disciplina (UNBEHAUM, CAVASIN & GAVA, 2010), principalmente os(as) professores(as) mais antigos, nos dias atuais isso tem sido mudado, algumas Universidades já estão incluindo Sexualidade em alguns cursos de licenciatura, mas infelizmente na modalidade à distância do curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba, a qual faço parte do corpo docente, isso não acontece. Desde o início da minha graduação, faço reflexões sobre os temas Sexualidade e Gênero na Escola, percebi a ausência dos temas no currículo e essa ausência dificultou algumas situações que passei e presenciei nos meus estágios supervisionados, ao me deparar com essas questões em sala de aula, na escola e entre os(as) funcionários(as), notei o despreparo da escola e, principalmente, meu despreparo em lidar ou opinar naquelas situações, já que não estava sendo preparada na universidade para aquela realidade.

Em relação aos currículos escolares, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) não fala diretamente sobre a abordagem das questões de gênero e sexualidade, mas de temas contemporâneos, conforme descrição a seguir:

Cabe aos sistemas e redes de ensino, assim como às escolas, em suas respectivas esferas de autonomia e competência, incorporar aos currículos e às propostas pedagógicas a abordagem de temas contemporâneos que afetam a vida humana em escala local, regional e global, preferencialmente de forma transversal e integradora (BRASIL, 2017, p.19).

Acredito que gênero e sexualidade são temas contemporâneos e que precisam ser incorporados aos currículos escolares e não apenas como temas transversais. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) não traz com clareza qual o lugar desses temas nos currículos das escolas, deixando vaga a ideia de que as escolas devem promover o respeito às diferenças e diversidades. A escola é um ambiente democrático que visa à formação humana como um todo através do conhecimento, preparando os alunos para viverem em sociedade, promovendo autonomia e senso crítico para que todos (as) tenham seus direitos respeitados e autonomia em suas escolhas. Para isso, os (as) professores (as) devem estar preparados (as), o que demanda que esses temas sejam trabalhados também nos cursos de formação docente, entre eles, a Pedagogia.

A escola, como instituição democrática, precisa respeitar a diversidade humana, isso inclui gênero e diversidade sexual. A educação é sempre uma ação política, portanto o gênero e a educação sexual devem fazer parte do currículo escolar desde a infância, para que possamos construir uma sociedade mais justa e que respeite a diversidade humana. Segundo Gagliotto (2009, p.18): a sexualidade “configura-se numa das dimensões humanas mais complexas por constituir-se de um elo entre aspectos subjetivos do ser humano (filosóficos, sociais, históricos, antropológicos, pedagógicos e psicológicos) e aspectos biológicos (genéticos, reprodutivos, identidades genitais)”.

No cotidiano escolar é possível perceber a naturalização que existe com os preconceitos de raça, gênero e orientação sexual. É algo tão comum que as pessoas parecem, por vezes, não esconder ou se sentir envergonhado(a) por comentários ou atitudes preconceituosas. Inclusive entre os(as) professores(as) é uma atitude repetitiva de comentários, piadas, chacotas etc. que reforcem a naturalização dos espaços entre meninos e meninas, homens e mulheres, heterossexuais e homossexuais, cada um com seu espaço definido perante a sociedade.

Em minha experiência como estagiária em escolas observei pátios lotados de meninos correndo, brincando, se impondo como os “donos” do recreio e meninas brincando de bonecas ou reclusas por quererem participar das brincadeiras, em que

meninos são dominantes. Várias vezes me deparei com crianças que não brincam ou agem de acordo com seu gênero, sendo alvo de piadas de colegas, sendo “invisíveis” para professores(as) e funcionários(as), reforçando o que acontece em outros espaços de nossa sociedade.

A escola tanto pode reproduzir papéis de gênero e modelos de sexualidade que oprimam como também pode construir relações que libertem e que façam com que as pessoas tenham respeito e lutem por igualdade de direitos. Por isso, a importância da reflexão de como os(as) professores(as) para lidar com questões de gênero e sexualidade em suas salas e na escola.

Com o intuito de refletir sobre essas questões passo, a seguir, a apresentar algumas das cenas vivenciadas durante os meus estágios supervisionados como estratégia para pensar em como esses temas são vivenciados nas escolas e como podemos abordá-los de forma educativa. De acordo com Pimenta e Lima (2005/2006, p. 8):

A formação do professor, por sua vez, dar-se-á pela observação e tentativa de reprodução dessa prática modelar; como um aprendiz que aprende o saber acumulado. Essa perspectiva está ligada a uma concepção de professor que não valoriza sua formação intelectual, reduzindo a atividade docente apenas a um fazer, que será bem sucedido quanto mais se aproximar dos modelos que observou. Por isso, gera o conformismo, é conservadora de hábitos, ideias, valores, comportamentos pessoais e sociais legitimados pela cultura institucional dominante.

Nesse sentido, acredito na importância do investimento em formação docente para a abordagem das questões de gênero e sexualidade e creio que os cursos de Pedagogia podem ser protagonistas nesse processo. Dito isso, passo, a seguir a apresentar minhas reflexões a partir dos estágios supervisionados.

3. REFLEXÕES A PARTIR DA EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO

O estágio supervisionado é um componente curricular obrigatório nos cursos de Pedagogia (e não apenas nele). Em minha experiência como estudante de Pedagogia, esse é o momento que todos (as) esperamos quando damos início ao curso, é o momento de vivenciarmos a realidade em sala de aula. Para mim, o desejo de estar em sala de aula, vivendo a experiência docente, era algo imensurável. Enquanto esperávamos para ir ao estágio, fomos nos preparando, a partir dos demais componentes curriculares, com conteúdos riquíssimos que nunca imaginei adquirir: uma realidade que somente a universidade pode nos dar. A formação na universidade nos permite descobrir um novo mundo, no qual diversidade e respeito caminham juntos.

Especificamente, no Curso de Pedagogia, modalidade à distância, do Centro de Educação, o Estágio Supervisionado curricular é distribuído em seis componentes curriculares, cada um com duração de um semestre letivo, subdivididos da seguinte forma: Estágio Supervisionado em Gestão educacional I e II (ESGE I e ESGE II), Estágio Supervisionado do Magistério em Educação infantil I e II (ESMEI I e ESMEI II) e Estágio Supervisionado do Magistério em Ensino fundamental I e II (ESMEF I e ESMEF II). Em cada um desses estágios, vamos nos aproximando, cada vez mais, da realidade das escolas e dos desafios e alegrias que encontraremos quando nos voltarmos aquele cenário como profissionais da Educação. Na educação à distância, os estágios obedecem às mesmas orientações e disposições legais necessárias aos cursos presenciais, o que nos obriga a estar em dia com a documentação exigida pelas instituições envolvidas (no caso, universidade e escola, representada pela Secretaria de Educação).

Os estágios são importantes na formação profissional dos(as) estudantes de Pedagogia (e dos demais cursos) por serem vivenciadas situações cotidianas na realidade das escolas. Ali, somos colocados (as) diante da “vida real”, nos envolvemos em problemas “de verdade” e aprendemos como os (as) profissionais que ali atuam resolvem as situações que vão surgindo. No estágio, especialmente podemos relacionar a teoria com a prática. Segundo Pimenta & Almeida, (2014, p.29) o estágio supervisionado é:

Um campo de conhecimento que envolve estudos, análises, problematização, reflexão e proposição de soluções para o ensinar e o aprender, e que compreende a reflexão sobre as práticas pedagógicas, o trabalho docente e as práticas institucionais, situadas em contextos sociais, históricos e culturais.

Ou seja, o estágio é uma possibilidade de refletir e problematizar sobre situações vividas no cotidiano das escolas, sobre a prática pedagógica dos (as) professores (as) e sobre as formas de organização escolar, além de muitas outras aprendizagens, sendo, assim, uma etapa fundamental de nossa formação profissional. O estágio tem a finalidade de nos mostrar a realidade para o que estamos sendo preparados (as). De acordo com Portela, (2007, p.36).

O estágio tem por finalidade colocar o aluno em contato com a atividade real da profissão em formação, para oportunizar – lhe a aquisição ou análise de uma experiência profissional. Além disso, o estágio também oferece a oportunidade de, após um longo processo de iniciação pelos caminhos da teoria, tornar posse daquilo que efetivamente “conta”, a prática, os segredos da profissão, as regras/normas de como fazer.

Assim, o estágio nos permite relacionar os conteúdos mais teóricos estudados nos demais componentes curriculares e os conteúdos práticos, que nunca são previsíveis, aprendidos no contexto das escolas. Ali, também, nos deparamos com muitas contradições entre os conteúdos aprendidos no curso e a realidade das escolas. Pimenta e Lima (2004, p. 62) afirmam que “a identidade do professor é construída ao longo de sua trajetória como profissional do magistério. No entanto, é no processo de sua formação que são consolidadas as opções e intenções da profissão que o curso se propõe a legitimar”.

3.1 A EXPERIÊNCIA DOS ESTÁGIOS SUPERVISIONADOS EM PEDAGOGIA

No ano de 2016, dei início ao meu primeiro estágio curricular do curso de Pedagogia, qual seja: Estágio Supervisionado em Gestão Educacional I. Assim, me apresentei em uma escola localizada no bairro do Rangel, no município de João Pessoa, Paraíba, onde permaneci por nove meses estagiando no turno da noite.

Quadro 1 – Escola Municipal do bairro do Rangel, João Pessoa, PB.

Corpo Administrativo	Corpo Docente	Espaço Físico	Equipamentos
1 diretora	27 professores	5 salas específicas	4 televisores

3 vice-diretoras	20 especialistas	14 salas de aula	3 Dvd's
2 supervisoras	3 mestres	2 laboratórios	5 <i>microsystem</i>
2 psicólogos(as)	1 doutor	1 biblioteca	2 retroprojetores
1 assistente social	X	1 sala de informática	X
3 secretárias	X	1 ginásio	X
X	X	1 refeitório	X
X	X	1 cozinha	X
X	X	11 sanitários	X

A escola aqui citada é bem estruturada, com três andares. Em relação ao corpo discente, a escola, atualmente, assiste 839 alunos(as) divididos nos 3 turnos. O planejamento da escola é realizado mensalmente por área do conhecimento e de maneira conjunta, com a participação de gestores(as), professores(as) e equipe técnica.

Neste estágio, o objetivo era a observação. Fui supervisionada pela vice-diretora, com total apoio e dedicação, com quem aprendi muito, especialmente a valorizar o trabalho em equipe, no qual todos(as) devem ser respeitados(as) e ouvidos(as). Participei, inclusive, como ouvinte, de reuniões escolares, planejamentos semanais e do Projeto Político Pedagógico (PPP). A escola desenvolve outros projetos como: leitura, trânsito, etnicorracial, combate a homofobia nas escolas e escola sustentável. Surpreendi-me em a escola ter um projeto de combate a homofobia, então percebi que ali minha orientação sexual não seria um problema. Até que alguns professores(as) e funcionários(as) religiosos(as) descobrirem que eu era casada com outra mulher e passaram a se afastar de mim, o que me fez sentir excluída em alguns momentos e “chocada” pela escola ter um projeto de combate a homofobia e, ao mesmo tempo, ter funcionários(as) preconceituosos(as). No semestre seguinte, fiz e executei meu projeto de intervenção sobre educação e saúde, voltado para a higiene bucal, aproveitei e convidei a equipe do Programa Saúde da Família (PSF) para compor meu projeto. Apesar de querer fazer um projeto de intervenção sobre o tema de Homofobia, não me senti à vontade por me sentir julgada por minha orientação sexual.

No ano seguinte, meu terceiro estágio supervisionado foi no magistério em Educação Infantil I, me apresentei ao Centro de Referência em Educação Infantil (CREI) também localizado no bairro do Rangel. O CREI tem uma estrutura simples e antiga, é pequeno se comparado a outros CREIs.

Quadro 2 - Centro de Referência em Educação Infantil do bairro do Rangel, João Pessoa, PB.

Corpo Administrativo	Corpo Docente	Espaço Físico	Equipamentos
1 diretora	5 professoras	5 Salas de aula	1 dvd
1 secretária	7 monitoras	1 sala de diretoria	1 televisor
1 orientador	X	1 sala de vídeo	1 <i>microsystem</i>
X	X	1 sala de fantasias	Livros
X	X	1 anfiteatro	brinquedos
X	X	1 refeitório	X
X	X	1 cozinha	X
X	X	1 lavanderia	X
X	X	4 banheiros	X
X	X	1 pátio	X
X	X	2 parquinhos	X
X	X	1 dispensa	X

Na instituição são atendidas 110 crianças, divididas em: Berçário II que atende 13 crianças na faixa etária dos 1 ano a 1 ano e 11 meses; o Maternal I atende 26 crianças na faixa etária dos 2 anos aos 2 anos e 11 meses; o Maternal II atende 27 crianças na faixa etária dos 3 anos aos 3 anos e 11 meses; Pré I atende 25 crianças na faixa etária dos 4 anos

aos 4 anos e 11 meses; e o Pré II atende 19 crianças na faixa etária de 5 anos aos 5 anos e 11 meses. Atualmente a instituição atua com 28 funcionários(as), fiz meu estágio na sala do maternal II no turno da manhã. A parte prática do Estágio tinha a duração de 2 meses em cada semestre. Ao todo, permaneci como estagiária por um ano e 2 meses.

O CREI funciona em tempo integral, a instituição realiza um diagnóstico sobre a realidade dos(as) educandos(as) e sobre as características socioeconômicas e culturais da comunidade escolar através de um formulário preenchido na matrícula. Além disso, são realizados acompanhamentos dos diários de classe e, a cada bimestre, é realizada uma avaliação diagnóstica pela professora que avalia a aprendizagem e autonomia que as crianças estão adquirindo. No fim do ano letivo, era preparado um relatório para a Secretaria de Educação, que fazia o monitoramento do nível de desenvolvimento das crianças, podendo intervir com melhorias no âmbito da aprendizagem.

O Projeto Político Pedagógico (PPP) da instituição foi construído pela própria equipe, de forma democrática, com participação do(a) orientador(a) pedagógico(a), da gestora, da assistente social, de um(a) representante dos(as) professores(as), um(a) dos(as) funcionários(as) e outro(a) representante das famílias. O planejamento é realizado quinzenalmente pelo(a) orientador(a) pedagógico(a) e as professoras e a instituição realiza avaliação do desenvolvimento das crianças através de observação diária, por meio das brincadeiras, da autonomia que as crianças vão adquirindo, nível de aprendizagem e motricidade que elas apresentam no dia a dia. A partir dessa reunião de planejamento, as professoras vão elaborando seus planejamentos semanais a serem trabalhados com as crianças.

O Projeto Político Pedagógico (PPP) da instituição, trabalha com 4 eixos: o projeto Eu sou assim, que trabalha a identidade e a autonomia das crianças, o projeto Cuidando da Natureza, que trabalha a alimentação saudável, o projeto Fazendo Artes e Contando Histórias, que trabalha a literatura infantil na sala de aula e o projeto Somos Cidadãos, que trabalha conceitos de cidadania. Esses eixos são trabalhados por bimestre com todas as turmas, através de projetos didáticos, construídos coletivamente com a contribuição da gestora, especialistas, professoras, monitoras e berçaristas, de forma interdisciplinar perpassando os componentes curriculares (linguagem oral, matemática, natureza e sociedade, música, movimento e artes visuais).

Apesar de a professora que me supervisionou ser graduada em Pedagogia e estar cursando especialização em Psicopedagogia, ela possuía uma visão religiosa sobre questões de gênero e sexualidade, se posicionando como contrária a qualquer tipo de atividade que abordasse a temática, por achar que está havendo uma doutrinação de “ideologia de gênero” e influenciava as demais professoras com sua visão. Essa professora tinha dois alunos na faixa etária de 2 anos, que eram sempre repreendidos por, segundo ela, “terem um comportamento oposto ao seu gênero”.

Meu quinto estágio supervisionado no Ensino fundamental, foi em uma escola municipal localizada no bairro do Cristo Redentor, em João Pessoa.

Quadro 3 – Escola Municipal no bairro do Cristo Redentor, João Pessoa, PB.

Corpo Administrativo	Corpo Docente	Espaço Físico	Equipamentos
3 diretoras	54 professores	1 diretoria	2 dvd's
1 psicóloga	2 mestres	1 secretaria	1 retroprojektor
20 funcionários	1 doutora	14 salas de aula	1 televisor
X	X	1 sala de informática	26 computadores
X	X	6 salas específicas	2 caixa som
X	X	4 banheiros	3 microfones
X	X	1 cozinha/dispensa	X
X	X	1 refeitório	X
X	X	1 lavanderia	X
X	X	1 biblioteca	X
X	X	1 quadra poliesportiva	X

A escola tem uma estrutura simples e antiga, mas é bastante espaçosa. Quanto ao atendimento prestado à criança (quantidade de turmas, quantidade de crianças atendidas por turma, turno e faixa etária), são 11 turmas no período da manhã do pré I ao 5º ano, dentre elas 4 turmas fazem parte do atendimento integral, no período da tarde são 8 turmas do 6º ao 9º ano e a noite são 4 ciclos do EJA, totalizando 25 turmas e 761 alunos(as) assistidos na instituição. A escola funciona em tempo integral e realiza um diagnóstico sobre a realidade do(a) educando(a) e sobre as características socioeconômicas e culturais da comunidade escolar através de um formulário preenchido na matrícula do(a) educando(a) e nos diários de classe, a cada bimestre é realizado uma avaliação diagnóstica com os alunos(as) do pré I ao 2º ano, já que eles(as) não podem ser retidos nas séries, então os(as) professore(as) avaliam os(as) estudantes de acordo com o nível de aprendizagem, concentração e motricidade e quando é diagnosticada alguma dificuldade os(as) alunos(as) passam a ter aulas de reforço e sessões de Psicologia, tudo com autorização dos familiares. No fim do ano letivo a Secretaria de Educação recolhe todos os diários para a avaliação do Projeto Nota 10. O PPP da instituição foi construído pela própria equipe pedagógica da escola de forma democrática, onde todos os professores participam junto com a equipe pedagógica e um representante dos pais e todo ano o mesmo é revisado. O PPP da instituição trabalha de acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), com Projeto de Artes Visuais, Projeto de Leitura, acompanhamento coletivo e individual, reunião de pais e realização dos planejamentos.

Atualmente, estou cursando o sexto e último estágio supervisionado na mesma sala que o estágio supervisionado anterior, fico na sala do 1ºano A, com 31 alunos(as) entre 6 à 7 anos, que estão sendo alfabetizados por uma professora que está terminando seu doutorado em Educação. Por se tratar de uma escola grande, com muitos professores(as), cuidadores(as), funcionários(as) e alunos(as), decidi fazer minha pesquisa de TCC nesta instituição, distribui os questionários sobre a temática abordada, por ainda estagiar nessa instituição achei que obteria facilmente o retorno dos questionários, mas não obtive êxito. Alguns professores(as) até questionaram o porquê da escolha do tema gênero e sexualidade na escola. Alguns(as) mencionaram que é um tema complicado, porque muitos não seriam sinceros nas respostas do questionário, por mais que o “mundo” tenha evoluído, questões de gênero são associadas a preconceito. Ouvi de um professor que dizer que “não há diferenças no comportamento entre meninos e meninas seria um absurdo porque meninas e meninos não podem ser tratados iguais, porque são diferentes”. Uma professora nova, recém-formada, complementou dizendo que não é preconceituosa, que sabe que questões de gênero

são importantes em sala de aula, mas como cristã não concorda com comportamento homossexuais e se tratássemos meninas e meninos como iguais, estaríamos reafirmando que é normal o comportamento diferente de seus gêneros. Mesmo assim, entreguei os questionários mas, infelizmente, obtive a devolutiva de apenas um questionário e as respostas eram apenas sim ou não, sem responder às questões abertas. Desse modo, este TCC foi redimensionado e passou a analisar apenas minhas experiências no estágio.

Em minhas experiências nos estágios, aprendi coisas muito importantes sobre a escola, seus contextos e as pessoas que ali circulam. Foram experiências muito enriquecedoras! Contudo, em relação às questões de gênero e sexualidade, minhas experiências foram bastante difíceis: a realidade foi árdua e dura, presenciei diversas cenas de desconforto, preconceito, sexismo e silenciamento em relação às questões de gênero que não condizem com o conhecimento que eu havia adquirido. Sofri, pessoalmente, preconceito em relação à minha orientação sexual, também estive presente em momentos de discriminação de estudantes, ainda muito pequenos (as). Com isso, aprendi que um lugar que deveria ser acolhedor, como a escola, também é um espaço de reprodução de estereótipos e preconceitos. Assim, trago algumas dessas cenas para refletir sobre o lugar das questões de gênero e sexualidade na escola.

Cena 1: Samuel, de 6 anos que faz o 1º ano do ensino fundamental, só brinca com meninas e nas brincadeiras durante o recreio ele também só fica com as meninas. Na escola, as professoras o incentivam a brincar com os meninos e a ter um comportamento “mais masculino”. Muitas vezes ele chora porque não quer brincar com meninos mas, mesmo assim, ele é forçado a brincar com meninos. A professora diz que ela toma essa atitude para ele não “virar” gay futuramente, porque ela como cristã deve influenciar o “bem” na vida dos alunos.

A situação vivenciada por Samuel me incomodava bastante. Ver aquilo era sempre difícil e constrangedor. Para mim, era apenas uma criança brincando. Para a professora, era um corpo que precisava ser vigiado todo o tempo, para que não “virasse gay”, ou seja, para que não se tornasse algo diferente daquilo que a sociedade espera dele. De acordo com Carvalho, Junqueira e Andrade (2009, p.15):

“O estereótipo funciona como um dispositivo de visão e de classificação das pessoas. Pelas lentes do estereótipo, não se enxerga o indivíduo, mas principalmente aquilo que o estereótipo indica.”

Naquela escola, por inúmeras vezes, observei atitudes similares de outras professoras, em geral, religiosas, que deixavam sua religiosidade interferirem em sua vida profissional.

Isso nos faz questionar: caberia ao(à) professor(a) controlar as brincadeiras de seus estudantes com base em comportamentos e atitudes que não estariam “adequadas” ao seu gênero pelo medo dessas brincadeiras interferirem na orientação sexual desse(a) estudante? Antigamente, segundo o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil – RCNEI (Brasil, 1998, p. 41-42):

No que concerne à identidade de gênero, a atitude básica é transmitir, por meio de ações e encaminhamentos, valores de igualdade e respeito entre as pessoas de sexos diferentes e permitir que a criança brinque com as possibilidades relacionadas tanto ao papel de homem como ao da mulher. Isso exige uma atenção constante por parte do professor, para que não sejam reproduzidos, nas relações com as crianças, padrões estereotipados quanto aos papéis do homem e da mulher, como, por exemplo, que à mulher cabe cuidar da casa e dos filhos e que ao homem cabe o sustento da família e a tomada de decisões, ou que homem não chora e que mulher não briga. Todavia, mesmo quando o ambiente é flexível quanto às possibilidades de exploração dos papéis sociais, os estereótipos podem surgir entre as próprias crianças, fruto do meio em que vivem, ou reflexo da fase em que a divisão entre meninos e meninas torna-se uma forma de se apropriar da identidade sexual [...].

Atualmente, os currículos são orientados pela Base Nacional Comum Curricular BNCC. De acordo com esse documento:

Brincar cotidianamente de diversas formas, em diferentes espaços e tempos, com diferentes parceiros (crianças e adultos), ampliando e diversificando seu acesso a produções culturais, seus conhecimentos, sua imaginação, sua criatividade, suas experiências emocionais, corporais, sensoriais, expressivas, cognitivas, sociais e relacionais [...] (BRASIL, 2017, p.36).

A escola não pode, em nenhuma hipótese, manifestar atitudes preconceituosas com crianças (nem com qualquer outra pessoa) pelo comportamento diferente do tradicional, independente de seu gênero ou sexualidade. Todos (as) devem ser tratados com igualdade e respeito!

Cena 2: Guilherme, de 3 anos, estudante do infantil I, uma criança dócil, carinhosa e bastante mimada pelos pais por ser filho único. Ele sempre brinca com os meninos, mas gosta de abraça-los e beijá-los. Na escola, ele ficou de “repouso” durante uma semana, afastados dos demais meninos e sem poder brincar no recreio porque deu um “selinho” em um dos amiguinhos. A diretora da escola, junto com a professora, considerou o comportamento dele com “traços de homossexualidade” e ainda disse: “Meu Deus se deixar vai ser mais uma bicha no mundo!”. Desde então a professora passou a “vigiá-lo” o tempo todo para ele não incentivar os demais meninos a ter o mesmo comportamento.

Essa cena ilustra o despreparo de alguns educadores(as) no tocante às questões de gênero e sexualidade. Além de preconceito, essa cena indica desconhecimento teórico do que seriam gênero e sexualidade, conceitos distintos entre si. Segundo Carvalho (2000, p.15.) “gênero refere-se às noções de masculino e feminino, construídas a partir das diferenças biológicas entre os sexos, ao longo da história, nas diversas sociedades e culturas”.

A sexualidade é aqui compreendida como a externalização de desejos e prazeres, como afirma Carvalho, Junqueira e Andrade (2009, p.41) “sexualidade é a expressão de prazeres.” Ao falar sobre a existência de “traços de homossexualidade” e de que, “se deixar vai ser mais uma bicha no mundo!”, apontam para uma incompreensão conceitual e para uma reflexão moral da educadora, que toma as suas verdades como aquelas que devem ser válidas para todas as pessoas, inclusive para as crianças estudantes da escola em que trabalha.

Confesso que, no dia em que vivenciei a Cena 2, me senti muito mal. Entre outras coisas, porque considero que uma criança, nessa faixa etária, nem entende sobre sua sexualidade, que ainda está na fase de desenvolvimento. A criança ainda está aprendendo a lidar com seus sentimentos, portanto a exteriorização desses sentimentos é mais impetuosa e avassaladora, sincera e involuntária. Punir uma criança por um beijo é inadmissível, já que o beijo, em nossa sociedade, é a representação de carinho, seja um beijo entre amigos, irmãos, pais, familiares. Desde que nascemos, somos beijados (as). Para uma criança nessa idade o beijo significa afeto e não um desejo sexual. Como afirma Felipe, (2000, p.123) “qualquer

possibilidade de rompimento das fronteiras de gênero aponta para uma classificação no campo da patologia, da anormalidade”.

É nítido o despreparo de muitos educadores (as) para lidar com questões de gênero e sexualidade na escola e, muitas vezes, esses (as) profissionais educam sobre gênero e sexualidade por meio de suas atitudes preconceituosas, sabemos que a preocupação de alguns adultos(as), sejam educadores(as) ou familiares é apenas uma, a obsessão com a sexualidade normalizante. Nesse sentido, Louro (1997, p. 40) afirma que:

Em tais práticas da sala de aula, podemos ver o funcionamento do dispositivo da sexualidade através das classificações dos(as) alunos(as) como homossexuais/heterossexuais, femininos/masculinos, normais/anormais, ordenando as relações de identidade e diferença a partir de oposições binárias que fixam as identidades de gênero e sexuais.

De acordo com Carvalho, 2000, p.20 “discriminar negativamente é censurar e/ou punir meninos e meninas (de modo direto ou indireto, irônico ou jocoso) quando estes exibem comportamentos supostamente inadequados ao seu sexo”. Cenas como essas, me fazem reforçar o argumento de que precisamos investir em processos de formação e de sensibilização de educadores (as) para que reconheçam a importância de educar para o respeito e à diversidade de gênero e de sexualidade.

Cena 3: Elis, de 5 anos, do Infantil II, é uma menina “extremamente feminina”. Ela adora coisas de princesas. Elis têm duas mães e sofre discriminação de outras crianças na escola que perguntam por que ela não tem pai? Outras, simplesmente, a chamam de filha da “sapatona”.

A professora tenta intervir, mas também não sabe muito que fazer, nem como explicar porque ela tem duas mães e diz que crianças nessa idade ainda não sabem discernir o certo e o errado. Apesar de a professora frisar que não tem preconceito, ela não acha certo uma criança ter duas mães ou dois pais. Mas, como educadora, ela comentou que prefere não opinar, apenas repreende os alunos para não mexerem com Elis.

Aqui nos deparamos com mais uma cena de incompreensão da importância educativa da abordagem das questões de gênero e sexualidade na escola. Apesar da professora se dizer “não preconceituosa”, ao mesmo tempo, ela não concorda com filhos(as) de relacionamentos homoafetivos. Apesar de não promover a discriminação em sua sala, percebi, várias vezes,

essa professora se calar quando deveria aproveitar a situação para trabalhar gênero, enfrentamento ao preconceito enfatizando o respeito a toda e qualquer diversidade com seus alunos e alunas, embora muito pequenos(as). A educação infantil é a etapa do processo escolar no qual as crianças começam a aprender sobre as expectativas sociais em relação a elas. Para Vianna e Finco (2009, pp.270-271):

Na educação infantil as crianças podem passar a maior parte do tempo em contato com outras crianças. É nessa relação singular que o protagonismo da criança ganha destaque e que a potencialidade do convívio, em suas diversas formas de relações, pode propiciar uma nova interação. Trata-se de um universo com características próprias, voltadas para crianças pequenas. Uma formatação com espaços, tempos, organizações e práticas construídos no seio das intensas relações entre crianças e entre crianças e adultos.

Nesse sentido, também é na educação infantil que as crianças devem aprender a viver em diversidade, respeitando as diferenças. Para Vianna e Finco (2009, pp.270-271):

O direito a uma educação infantil de qualidade inclui a discussão das questões de gênero. As relações das crianças na educação infantil apresentam-se como uma das formas de introdução de meninos e meninas na vida social, principalmente porque oferecem a oportunidade de estar em contato com crianças oriundas de diversas classes sociais, religiões e etnias com valores e comportamentos também diferenciados.

Cena 4: As crianças do 1ºano A e B, que estão na faixa etária de 6 a 7 anos, totalizando 56 crianças brincam em uma quadra poliesportiva após o lanche. Geralmente, brincam com bola, pega-pega; umas levam brinquedos que trazem de casa, a maioria das meninas trazem bonecas ou maquiagem, já os meninos trazem bolas e muitos brincam de luta. Duas monitoras ficam com essas crianças, elas não interferem nas brincadeiras. Os próprios meninos não deixam as meninas brincarem de futebol e muito menos de luta, quando as monitoras insistem para deixarem as meninas brincarem, os meninos dizem que futebol e luta não são brincadeiras de menina e que menina deve brincar de casinha, de boneca, de professora, porque brincadeira de menino é diferente da brincadeira de menina.

Durante minha observação no recreio das crianças, essa é uma cena que faz parte do cotidiano: brincadeiras de meninas e brincadeiras de meninos. Algo que nós conhecemos

desde os primeiros passos, quando nossos pais/mães nos ensinam “o que é para menina” e o “que é para menino”. Infelizmente, a divisão das brincadeiras por gênero é uma construção histórica, amplamente relacionada aos estereótipos de gênero. Entender a brincadeira como forma de representação do mundo implica compreender que ao brincar as crianças imitam a realidade da sociedade. Portanto, é de suma importância tratar de questões de gênero na escola, para tentarmos acabar com estereótipos de coisas de menino e coisas de menina e promover a igualdade de gênero em nossa sociedade. De acordo com Louro (1997, p. 56):

Nos processos sociais do cotidiano, são naturalmente atribuídos às mulheres os gestos delicados, a forma de sentar, a graça, o pudor, o trato com as crianças e com os assuntos domésticos, a afetividade, a timidez, por exemplo; em contrapartida, aos homens cabem os gestos e a fala fortes, a maior aptidão física, a extroversão, a pouca demonstração de afeto e delicadeza e a proibição de chorar. Na escola, também podemos ver atuando alguns desses elementos sociais, por exemplo, quando as filas, os grupos de trabalho, as atividades físicas e as brincadeiras são separadas por sexo, e ainda quando são estabelecidas determinadas maneiras para sentar e se portar em sala de aula para menino ou menina. Ao mesmo tempo, também, funcionam mecanismos que regulam as preferências sexuais, ou seja, os meninos e as meninas só são autorizados/as a estabelecer relações de amizade - brincadeiras - com o mesmo sexo; no entanto, relações de afeto - carinho, abraços - são desautorizadas.

Por que a escola não utiliza os recreios como espaço para educar meninos e meninas a serem o que quiserem, brincarem do que quiserem, independente de seu gênero? Por que continuamos reforçando essa separação que se fortalece nas brincadeiras? O que uma menina aprende quando seu desejo de jogar futebol ou lutar não é realizado simplesmente por ser menina? O que um menino aprende quando escuta que boneca é brincadeira de menina? Acredito que a escola é um lugar fundamental para desconstruir essas aprendizagens baseadas em gênero.

Cena 5: Uma aluna do 2º ano cortou o cabelo estilo “Joãozinho”, em solidariedade à sua mãe que está com câncer. Os meninos da turma começaram a chamá-la de “sapatona” por causa do corte de cabelo, mesmo a professora explicando que ela estava com “cabelo de menino” porque sua mãe estava doente.

A cena 5 nos permite questionar: por que uma menina não pode ter o cabelo curto? O tamanho do cabelo definiria o gênero ou a sexualidade? Uma menina com cabelo curto seria lésbica? Por que as próprias crianças reproduzem esse pensamento tão discriminatório em

pleno século XXI? Cabe à escola combater a desigualdade de gênero e seus preconceitos nas salas de aula, tornando a escola um lugar para todos (as) independente de seu gênero, promover a equidade de gênero.

Em uma escola privada no município de João Pessoa, presenciei uma situação com uma criança de três anos que passou a semana sem direito ao recreio porque beijou um aluno do mesmo sexo e ver a coordenadora pedagógica pedir para afastar a criança dos demais meninos, sem dar-lhe nenhuma explicação, foi de partir o coração. A criança questionava o motivo de não poder participar do recreio e de não poder brincar com os demais coleguinhas, sem que nenhuma explicação tenha sido dada. Ouvir as demais colegas professoras pedindo para afastar o menino dos outros meninos, para que não tivessem um “comportamento gay”, era algo inaceitável para mim.

Em outro caso, fui orientada por uma coordenadora pedagógica a pular as páginas do livro de ciências que falavam sobre a diversidade das famílias. Para elas, ensinar crianças que existem famílias com dois pais ou duas mães insinuaria que ser homossexual era normal, quando o correto seria que os casais sejam sempre formados por um homem e uma mulher “porque Deus nos criou assim”, diziam elas. Fiquei estagiando nessa escola como professora regente, sem autonomia em sala de aula e quando a diretora ficou sabendo sobre minha orientação sexual, simplesmente, me dispensou “porque minha vida pessoal poderia afetar a qualidade de vida dos alunos” e, claro, “os pais não iriam gostar dos filhos terem uma professora que poderia ensiná-los a serem homossexuais ou até abusar deles”. Essa experiência me ensinou, de modo muito intenso, que as escolas reproduzem desigualdades e que meu corpo, minha forma de viver, minha orientação sexual poderia influenciar na minha vida profissional. Parece óbvio que não é porque um menino beijou outro que ele “será gay”, não é porque uma menina gosta de jogar futebol que ela “será lésbica” ou que a orientação sexual do (a) professor (a) influenciará a orientação sexual de seus (suas) estudantes. A escola precisa enfrentar situações como essas.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho de conclusão de curso que traz como tema gênero e sexualidade na escola a partir de minhas reflexões como pedagoga em formação, fundamentou-se a partir das minhas experiências de estágio supervisionado ao longo da minha trajetória na graduação do curso de Pedagogia modalidade à distância.

Meu interesse foi analisar as cenas em que vivenciei nas escolas e as atitudes dos(as) educadores(as) a respeito do tema. Ao longo dessas linhas tentei chamar atenção para as atitudes dos(as) educadores(as) que estão nas escolas e como agem diante de temas relacionados à gênero e sexualidade. Indago-me sobre como educadores(as) que passaram por uma formação em nível superior possam ter atitudes tão desprezíveis, preconceituosas e discriminatórias em relação às questões que resolvi estudar. A postura dos(as) profissionais da educação trazidas nas cenas que analisei demonstram, infelizmente, que ainda temos um longo caminho a seguir no sentido de uma sociedade mais justa para todas as pessoas, independente de seu gênero e orientação sexual.

A primeira cena me deixou perplexa com a atitude da professora, que é graduada em Pedagogia e têm anos de experiência em sala de aula. Eu estava ali para aprender, adquirir experiência e ao me deparar com uma atitude preconceituosa com uma criança de apenas 6 anos de idade, me fez questionar o que estamos aprendendo nos cursos de graduação? Será que realmente estamos sendo preparados(as) para irmos às salas de aula? Será que por mais que o curso de graduação em Pedagogia tente nos preparar para teoricamente para questões de gênero, sexualidade e preconceito, realmente deixamos de lado nossas crenças e preconceitos para tomar atitudes corretas? No que erramos quando deixamos o preconceito entrar em sala de aula? São questões que não temos respostas, mas podemos refletir e ponderar nossas atitudes e o que estamos ensinando em sala de aula.

A cena seguinte deixa claro o quanto o preconceito e a discriminação ainda predominam em algumas escolas, me pergunto como professores(as) assim como eu, homossexuais, podem trabalhar em uma escola com colegas de trabalho são tão preconceituosos? Até quando teremos que fingir ser quem não somos para poder fazer aquilo que tanto sonhamos, estudamos e lutamos? Lecionar! Quando nos deparamos com cenas como essas, ficamos além de indignados(as), com medo de alguém descobrir nossa orientação sexual, já que muitos(as) veem a homossexualidade como algo contagioso, como

uma doença e não como seres iguais em direitos. Presenciar uma cena em que uma criança de 3 anos de idade é julgada, condenada e penalizada por um simples beijo inocente. Aqui, além de crueldade com a criança, me pergunto que tipo de seres humanos estão nas escolas ensinando?

Na terceira cena, nos deparamos com a inércia da professora diante de questões de gênero, quando não utiliza das situações em sala de aula para promover a igualdade de gênero e o respeito à diversidade. Uma professora que não aborda questões de gênero em sala de aula, principalmente quando há episódios de preconceito, não será capaz de motivar seus alunos(as) a serem cidadãos capazes de lutar por uma sociedade igualitária para todos.

Na quarta cena, fica claro que as crianças já fazem separações por gênero. As crianças são ensinadas a serem indivíduos de gênero desde suas famílias, ainda muito pequenas. Assim, para construirmos uma sociedade com igualdade de gêneros, temos que partir da educação. Acredito que ensinando o respeito e a igualdade de gênero poderemos acabar com os preconceitos na nossa sociedade, quebrando com o círculo vicioso passado de geração em geração de “coisas de menina e coisas de menino”.

Com a quinta e última cena, percebi o quanto a sociedade dita as “regras” de como as pessoas devem ao não se comportar de acordo com seu gênero. Por que crianças tão pequenas associam a pessoa com o que é certo para seu gênero? Cabe mudar esse cenário por meio de processos educativos que abordem as questões de gênero e sexualidade.

Com minhas experiências pude perceber o quão fundamental é que questões de gênero e sexualidade estejam presentes nos currículos dos cursos de licenciaturas nas universidades. A universidade precisa assumir o protagonismo na formação com esses temas. Incluir questões de gênero nos currículos hoje é contribuir para acabar com o pensamento e as atitudes retrógradadas dos(as) docentes amanhã. A educação possui uma força capaz contribuir com essa mudança.

Acredito que seria de suma importância rever a matriz curricular do curso de Pedagogia à distância da Universidade Federal da Paraíba inserindo a Sexualidade em um componente curricular obrigatório. Sei que o acesso ao conhecimento não é suficiente para mudar práticas, mas acredito que esse é um passo importante para construirmos uma sociedade mais justa e igualitária.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Maria Isabel de; PIMENTA, Selma Garrido. **Estágios supervisionados na formação docente: educação básica e educação de jovens e adultos**. 2014. Disponível em:
https://books.google.com.br/books/about/Est%C3%A1gios_supervisionados_na_forma%C3%A7%C3%A3o.html?id=SfiaCgAAQBAJ&printsec=frontcover&source=kp_read_button&redir_esc=y#v=onepage&q&f=false
- BEJARANO, Nelson Rui Ribas; DE CARVALHO, Anna Maria Pessoa. **Tornando-se professor de ciências: crenças e conflitos**. *Ciência & Educação*, v. 9, n. 1, p. 1-15, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ciedu/v9n1/01.pdf>
- BONFANTI-UNIVALI, Claudete; SCHNITZLER-UNIVALI, Fernanda Dechandt. **Prática De Ensino: Impressões Preliminares De Um Estudo Sobre O Estágio Do Curso De Pedagogia**. Disponível em: http://endipe.pro.br/anteriores/13/paineis/paineis_autor/T1295-1.doc
- BRAGA, Eliane Rose Maio; SANTOS, Ednéia Francisco dos. **A questão de gênero nas brincadeiras infantis: Um estudo de caso**. *Revista Latino- Americana de Geografia e Gênero*, Ponta Grossa, V.4, n.1, p.113; jan/jul. 2013. Disponível em:
www.revistas2.uepg.br/index.php/rlagg/article/download/3569/pdf_42.
- BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular**. A Educação é a Base. Brasília, D.F, 2017. Disponível em:
http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_site.pdf
- BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria da Educação. **Referencial Curricular Nacional Para A Educação Infantil – RCNEI**. BRASIL, 1998a, p. 41-42 Disponível em:
http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/rcnei_vol1.pdf.
- CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de; ANDRADE, Fernando César Bezerra de; JUNQUEIRA, Rogério Diniz. **Gênero e diversidade sexual**. EFPB, 2009. Disponível em:
www.ufpb.br/contents/noticias/didaticos/glossarioEscolasPlurais1.
- FELIPE, Jane. **Infância, gênero e sexualidade**. *Educação & Realidade*, v. 25, n. 1, 2000. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/viewFile/48688/30332>.
- FINCO, Daniela F. **Relações de gênero nas brincadeiras de meninos e meninas na educação infantil**. *Pro-posições*, v. 14, n. 3, p. 89-101, 2003. Disponível em:
<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/download/8643863/11340/>
- JOSSO, Marie-Christine. **Os relatos de histórias de vida como desvelamento dos desafios e do conhecimento: destinos sócio-culturais e projetos de vida programados na invenção de si**. In: SOUZA, E.C., ABRAHÃO, M.H.M.B. (orgs). **Desafios e projetos de vida: a invenção de si**. Porto Alegre/Salvador, EDIPUCRS/EDUNEB, 2006. Disponível em: https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=Ax_qftC2SVcC&oi=fnd&pg=PA21&ots=2HA_0E3ggE&sig=MYAnc92jk3VNybYr4h8ubaK45gM&redir_esc=y#v=onepage&q&f=false
- MARQUES, Valéria; SATRIANO, Cecilia. **Narrativa autobiográfica do próprio pesquisador como fonte e ferramenta de pesquisa**. *Linhas Críticas*, v. 23, n. 51, p. 369-

386, 2017. Disponível em:

<https://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view/8231/6742>.

PORTELA, Keyla Christina Almeida; SCHUMACHER, Alexandre. **Estágio Supervisionado Teoria e Prática**. São Paulo: Viena, 2007. Disponível em: **Revista de Empreendedorismo, Inovação e Tecnologia**, v. 2, n. 2, p. 55-68, 2016. Disponível em: <https://seer.imed.edu.br/index.php/revista/article/download>.

RAMIRES, Lula. **Entenda a Polêmica Sobre a Discussão de Gênero nos Planos de Educação**. São Paulo, 2015. Disponível em:

<http://www.ebc.com.br/educacao/2015/07/entenda-por-que-e-importante-discutir-igualdade-de-genero-nas-escolas>.

NBE A M, S CA ASIN, S. GA A, T. G NERO E SE ALIDADE NOS CURRICULOS DE PEDAGOGIA. Anais do Seminário Internacional Fazendo Gênero 9 - Diásporas, Diversidades, Deslocamentos. Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, 23 a 26 de agosto de 2010. Disponível em: http://www.fg2010.www2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1278171100_ARQUIVO_Gen_Sex_Curric_Ped_ST19_FG9.pdf.

VIANNA, Claudia; FINCO, Daniela. **Meninas e meninos na Educação Infantil: uma questão de gênero e poder**. **Cadernos Pagu**, n. 33, p. 265-283, 2009. Disponível em:

https://bdpi.usp.br/bitstream/handle/BDPI/6415/art_VIANNA_Meninas_e_meninos_na_Educacao_Infantil_uma_2009.pdf;jsessionid=29E731F77EDADB14D3D95ECBAFB4555D?sequence=1